

## EXTRA-CLASSE

# De perto ninguém é normal busca fim do preconceito e promoção da saúde

De volta à grade de programação da Rádio Universidade, o programa *De perto ninguém é normal* busca valorizar a potencialidade de pessoas com sofrimento psíquico. Este programa faz parte de uma série de ações que visam a atender um novo modelo de tratamento psiquiátrico (ver box). A cada 15 dias cerca de 12 usuários do Caps (Centro de Atendimento Psicossocial) Prado Veppo, vinculado à prefeitura, entram em estúdio para gravar os cerca de 55 minutos de programa, que vai ao ar às segundas-feiras, às 21h15min.

O programa de rádio fez sucesso entre os usuários quando foi lançado, em 1997. Naquele ano, o trabalho era realizado pelo extinto SAISM (Serviço de Atenção Integral à Saúde Mental). O técnico-administrativo da UFSM, Alfredo Lameira, que participa do programa desde a sua primeira versão, explica que esse serviço se adequava ao novo modelo de atenção à saúde mental a partir da reforma psiquiátrica: “A lei previa a substituição gradativa dos hospitais psiquiátricos por uma rede de serviços alternativos que oportunizassem outras formas de atendimento que não a internação e o confinamento em um hospital”.

O *De perto ninguém é normal* voltou a ser veiculado em abril e conta com a coordenação do professor Alexandre Henz e de duas acadêmicas do curso de psicologia da UFSM, Talita Tibola e Juliana Prediger. As alunas dizem que a ideia de retomar o programa partiu dos próprios usuários, que sentiam falta desse espaço de expressão que representa o rádio. Através de um estágio curricular foi possível viabilizar o retorno. “É um projeto construído coletivamente. Trata-se de uma outra forma de fazer clínica, fugindo daquele modelo tradicional de tratamento psicológico”, salienta Henz.

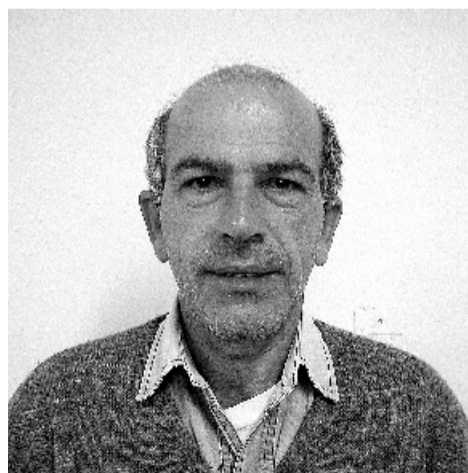
Os prazeres e benefícios desse tipo de atividade são constatados pelos próprios usuários. “É uma terapia, a gente se diverte, se encontra e se entende”, comenta Carlos Alberto Siqueira, que participa do programa desde o seu surgimento. Para Maria da



Henz, Talita e Juliana: coordenadores do programa



Usuários no programa de rádio: forma de tratamento não convencional



Lameira: limite relativo entre ser normal ou não

talas, porém, Talita define que “o mais importante é a promoção da saúde sem buscar a normalização”. Mas o que é normal? Alfredo Lameira é enfático: “o limite entre a normalidade e a não normalidade é muito relativo” e como sugere o nome do programa: *De perto ninguém é normal*.

Glória Fernandes é uma forma de se sentir “mais autoconfiante”. Essa sensação de também ser capaz é uma das mais presentes entre eles. Claudete Carvalho ainda ressalta: “a gente se sente útil”.

**RECONQUISTA**— Uma prova concreta da importância do programa para os usuários pode ser verificada no exemplo de João Batista Diniz. Ele fazia parte do grupo de usuários que participou da primeira edição do *De perto ninguém é normal*. Quando o programa teve fim em 2001, Diniz ficou doente e precisou ser internado. “A volta do programa foi muito importante, é uma reconquista”, comemora.

Os usuários participam de todas as fases do processo de produção e apresentação. Toda sexta-feira é a vez de produzir o que vai ao ar na rádio. Os integrantes do grupo fazem sugestões de pautas, entrevistas e músicas, que são discutidas, acolhidas e viabilizadas pelas estudantes. “Nosso papel é de coordenar as ideias deles” diz Talita. Henz complementa: “o trabalho é muito mais de agenciar, de articular, de fazer com que eles se apropriem do programa”.

O que não pode ser esperado do programa é que ele tenha uma lógica de mercado, como são feitos os programas de rádio em geral. “É um programa bem mais lento, que não está inserido nesta dialética produtivista e capitalista, mas que te permite pensar de outra forma”, esclarece o professor. Juliana lembra que é um ritmo diferente de trabalho e que a ideia é acolher e não mudar esse ritmo. “Talvez a instituição pública tenha esse papel de apresentar algo que é mais singular”, conclui o Henz.

As finalidades do programa são muitas, porém, Talita define que “o mais importante é a promoção da saúde sem buscar a normalização”. Mas o que é normal? Alfredo Lameira é enfático: “o limite entre a normalidade e a não normalidade é muito relativo” e como sugere o nome do programa: *De perto ninguém é normal*.

## Movimento de Luta Antimanicomial

O Movimento Nacional da Luta Antimanicomial procura chamar a atenção da sociedade sobre a importância de substituir o tratamento nos hospitais psiquiátricos por outras formas de terapias mais saudáveis. Para o Movimento, o fim dos manicômios representa “não apenas uma mudança de modelo assistencial psiquiátrico, mas uma mudança na forma de como a sociedade lida com as pessoas portadoras de sofrimento das mais diversas ordens”.

Segundo dados do Conselho Federal de Psicologia, o Brasil possui mais de 60 mil pessoas internadas em hospitais psiquiátricos. Isto significa que ainda existem 300 manicômios. Esses locais consomem cerca de 500 milhões de reais ao ano, quantia que é financiada por recursos públicos. O movimento também destaca que a luta é contra “a violência a qual são submetidos não apenas os usuários, mas também os técnicos, igualmente vítimas das condições perversas impostas por estas instituições”.

No Rio Grande do Sul, foi aprovada em 1992 a lei nº 9.716 do então deputado Marcos Rolim, que prevê a substituição gradativa dos manicômios por uma rede de serviços alternativos. Em 2001, o então Presidente Fernando Henrique Cardoso, sancionou no Congresso um projeto de lei do deputado Paulo Delgado que também dispõe sobre a extinção gradual dos manicômios.

Agora tramita no Legislativo Estadual um projeto de lei do deputado Adilson Troca, que visa garantir a existência dos hospitais psiquiátricos como parte integrante dessa rede de serviços alternativos. Na visão de Troca, “a rejeição sistemática à internação do paciente psiquiátrico pode produzir um discurso agradável aos menos avisados, mas presta um desserviço aos direitos do doente”. Alfredo Lameira rebate “ele quer modificar a lei fazendo com que o hospital psiquiátrico faça parte dessa rede também, mas isso é uma incoerência porque é uma coisa que a gente quer substituir e vai substituir por ela mesma?”.

Fontes: [www.saudemental.med.br](http://www.saudemental.med.br) e [www.al.rs.gov.br](http://www.al.rs.gov.br)